

A SEMANA – 207*

17 de maio de 1896

Era no bairro Carceler,¹ às sete horas da noite.

A cidade estivera agitada por motivos de ordem técnica e politécnica. Outrossim, era a véspera da eleição de um senador para preencher a vaga do finado Aristides Lobo.² Dois candidatos e dois partidos disputavam a palma com alma. Vá de rima; sempre é melhor que disputá-la a cacete, cabeça ou navalha, como se usava antigamente. A garrucha era³ empregada no interior. Um dia, apareceu a lei Saraiva, destinada a fazer eleições sinceras, discretas e sossegadas.⁴ Estas passaram a ser de um só grau. Oh! ainda agora me não esqueceram os discursos que ouvi, nem os artigos que li por esses tempos atrás, pedindo a eleição direta! A eleição direta era a salvação pública. Muitos explicavam: direta e censitária. Eu, pobre rapaz sem experiência, ficava embasbacado quando ouvia dizer que todo o mal das eleições estava no método; mas, não tendo outra escola, acreditava que sim, e esperava a lei.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 138, p. 1, 17 maio 1896), SEMMA (p. 312-315) e SEM1953 (v. 3, p. 176-181). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ No século XIX, Carceler era uma região na rua Primeiro de Março. A região, perto do mar, era um dos principais corredores culturais do Rio de Janeiro. Lá situava-se a Confeitaria Carceler, que deu nome à área.

² Senador Aristides da Silveira Lobo (12 fev. 1838 – 27 mar. 1896) foi político republicano, ocupou o cargo de ministro do Interior por dois meses (1889-1890), elegeu-se deputado em 1891 e senador em 1892. “O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava.” – escreveu Aristides Lobo essa frase famosa sobre a Proclamação da República, em artigo publicado no dia 18 de novembro de 1889, no *Diário Popular*, de São Paulo, na coluna “Cartas do Rio”, que ele mantinha naquele jornal. Escreveu ele, também, nessa mesma carta: “Por ora, a cor do Governo é puramente militar, e deverá ser assim. O fato foi deles, deles só, porque a colaboração do elemento civil foi quase nula.” Ver FIGUEIREDO, 2017, p. 157-158; PINTO, in: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LOBO,%20Aristides.pdf>>.

³ era] ra – em GN.

⁴ sinceras, discretas e sossegadas.] sinceras e sossegadas. – em SEMMA e em SEM1953. A chamada Lei Saraiva, de janeiro de 1881, proibiu o voto dos analfabetos e tornou mais rigorosa a prova de renda. Considerando que parte expressiva da população era analfabeta (85%), eliminar seu direito ao voto era excluí-la da cidadania política. (CARVALHO, 2012, p. 30) A Lei Saraiva tinha por objetivos moralizar as eleições e ampliar a cidadania, mas sua aplicação não evitou velhas práticas políticas. (FAUSTO, 1995, p. 233)

A lei chegou. Assisti às suas estreias, e ainda me lembro que na minha seção ouviam-se voar as moscas. Um dos eleitores veio a mim, e por sinais me fez compreender que estava entusiasmado com a diferença entre aquele sossego e os tumultos do outro método. Eu, também por sinais, achei que tinha razão, e contei-lhe algumas eleições antigas. Nisto o secretário começou a suspirar flebilmente os nomes dos eleitores. Presentes, posto que censitários, poucos. Os chamados iam na ponta dos pés até à urna, onde depositavam uma cédula, depois de examinada pelo presidente da mesa; em seguida assinavam silenciosamente os nomes na relação dos eleitores, e saíam com as cautelas usadas em quarto de moribundo. A convicção é que se tinha achado a panaceia universal.

Mas, como ia dizendo, era no bairro Carceler, às 7 horas da noite.

O bairro Carceler estava quase solitário. Um ou outro homem passava, mulher nenhuma, rara loja aberta, e mal se ouviam os bondes que chegavam ou⁵ partiam. Eu ia andando à procura do hotel do Globo. Recordava coisas passadas, um incêndio, uma festa, a ponte das barcas um pouco adiante, a Praia Grande do outro lado, e a assembleia provincial, vulgarmente chamada salinha. A salinha acabou, e a Praia Grande ficou decapitada, passando a assembleia com outra feição a legislar em Petrópolis. Nem por isso perdeu as metáforas de outro tempo. Ainda agora, em Petrópolis, um orador devolveu a outro as injúrias que lhe ouvira; devolveu-as intactas,⁶ tal qual se costumava na antiga Praia Grande. As injúrias devolvidas intactas não ferem. Algumas vezes arredam-se com a ponta da bota, ou deixam-se cair no tapete da sala; mas a melhor fórmula é devolvê-las intactas. A ponta da bota é um gesto, a queda no tapete é desprezo, mas para injúrias menores. A última fórmula de desdém, a mais enérgica, é devolvê-las intactas. Quem inventou este modo de correspondência, está no céu.

Chego ao hotel do Globo. Subo ao segundo andar, onde acho já alguns homens. São convivas do primeiro jantar mensal da *Revista Brasileira*. O principal de todos, José Veríssimo, chefe da *Revista* e do Ginásio Nacional, recebe-me, como a todos, com aquela afabilidade natural que os seus amigos nunca viram desmentida um só minuto. Os demais convivas chegam, um a um, a literatura, a política, a medicina, a jurisprudência, a armada, a administração... Sabe-se já que alguns não podem vir, mas virão depois, nos outros meses.

Ao fim de poucos instantes, sentados à mesa, lembrou-me Platão; vi que o nosso chefe tratava não menos que de criar também uma República, mas com fundamentos práticos e reais. O Carceler podia ser comparado, por uma hora, ao Pireu. Em vez das exposições, definições e demonstrações do filósofo, víamos que os partidos podiam comer juntos, falar, pensar e rir, sem atritos, com iguais sentimentos de justiça. Homens

⁵ ou] e – em SEM1953.

⁶ intactas,] intatas, – em SEM1953 (nesta e em todas as ocorrências subsequentes, que não anotamos).

vindos de todos os lados, – desde o que mantém nos seus escritos a confissão monárquica, até o que apostolou, em pleno império, o advento republicano – estavam ali plácidos e concordes, como se nada os separasse.⁷

Uma surpresa aguardava os convivas, lembrança do anfitrião. O cardápio (como se diz em língua bárbara)⁸ vinha encabeçado por duas epígrafes, nunca escritas pelos autores, mas tão ajustadas ao modo de dizer e sentir, que eles as⁹ incluíam nos seus livros. Não é dizer pouco, em relação à primeira, que atribui a Renan esta palavra: “Celebrando a Páscoa, disse o encantador profeta da Galileia: tolerai-vos uns aos outros; é o melhor caminho para chegardes a amar-vos...”¹⁰

E todos se toleravam uns aos outros. Não se falou de política, a não ser alguma palavra sobre a fundação dos Estados, mas curta e leve. Também se não falou de mulheres. O mais do tempo foi dado às letras, às artes, à poesia, à filosofia. Comeu-se quase sem atenção. A comida era um pretexto. Assim voaram as horas, duas horas deleitosas e breves. Uma das obrigações do jantar era não haver brindes: não os houve. Ao deixar a mesa tornei a lembrar-me de Platão, que acaba o livro proclamando a imortalidade da alma; nós acabávamos de proclamar a imortalidade da *Revista*.

Cá fora esperava-nos a noite, felizmente tranquila,¹¹ e fomos todos para casa, sem maus encontros, que andam agora frequentes. Há muito tiro, muita facada,¹² muito roubo, e não chegando as mãos para todos os processos, alguns hão de ficar esperando. Ontem perguntei a um amigo o que havia acerca da morte de uma triste mulher; ouvi que a morte era certa, mas que, tendo o viúvo desistido da ação, ficou tudo em nada.

⁷ Pireu era o nome da região em que estava localizado o porto de Atenas, e, por metonímia, o nome do próprio porto. O cronista alude à *República* de Platão (428-348 a.C.). O “nosso chefe” é José Veríssimo (1857-1916), que editou a *Revista Brasileira* entre 1895 e 1899, e foi diretor do Ginásio Nacional, atual Colégio Pedro II. A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 135, p. 2, col. 6, 14 maio 1896) noticiou o encontro nestes termos: “Uma festa modesta e cordial reuniu anteontem no salão de jantares do Globo os colaboradores da Revista Brasileira, que resolveram jantar juntos uma vez por mês. Estiveram presentes os Srs.: / Artur Azevedo, Tarquínio de Sousa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Artur de Jaceguai, Pedro Tavares, Feliciano Gonzaga, Raul Villa-Lobos, Márcio Nery, Domingos Freire, Fortunato Duarte, Capistrano de Abreu, Silva Ramos, José Veríssimo e Paulo Tavares, diretor e secretário da estimada *Revista*. / Por cartas ou por comunicações verbais transmitidas pelo diretor da Revista, declararam aplaudir a ideia destes jantares mensais, prometendo neles tomar parte, os Srs. Carlos de Carvalho, Coelho Neto, Lúcio de Mendonça, Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque, Sousa Bandeira, Alonso Adjuto, Carlos Seidl, Álvaro de Oliveira, Araripe Júnior, Sancho Pimentel, Fausto Cardoso, Olavo Bilac, Eugênio Gabaglia, Ferreira de Araújo, Alberto de Oliveira e outros.”

⁸ Cardápio: neologismo criado pelo filólogo brasileiro Antônio de Castro Lopes (1827-1901) para substituir o francês *menu*. (HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles, 2001, p. 623)

⁹ as] a – em GN e em SEMMA. Adotamos a correção de Aurélio.

¹⁰ Em João 13,34: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros.” (BÍBLIA, 2003, p. 1879) “Je vous donne un commandement nouveau: c’est de vous aimer les uns les autres comme je vous ai aimés. Le signe auquel on connaîtra que vous êtes mes disciples, sera que vous vous aimiez les uns les autres.” (RENAN, 1870, p. 254); “Eu vos dou um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. O sinal pelo qual se reconhecerá que vós sois meus discípulos será que vós vos ameis uns aos outros.” [Trad. nossa]

¹¹ tranquila] anquila – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹² facada,] facada – em GN (em fim de linha).

Jurei aos meus deuses¹³ não beber mais remédio de botica.¹⁴ A impunidade é o colchão dos tempos; dormem-se aí sonos deleitosos. Casos há em que se podem roubar milhares de contos de réis... e acordar com eles na mão.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 138, p. 1, 17 maio 1896. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14185>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio e Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

¹³ deuses] deuse – em GN.

¹⁴ Provavelmente, o cronista se refere à mulher cuja morte, resultante de envenenamento por erro na preparação do remédio pelo farmacêutico, foi objeto de comentário em “A Semana – 203”, crônica de 19 de abril de 1896. (Ver, também, *Jornal do Commercio*, ano 75, n. 101, p. 1, col. 8, 10 abril 1896)

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

CARVALHO, José Murilo de. Voto e cidadania. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano I, n. 72, jul.-set. 2012. p. 25-36.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

FIGUEIREDO, Affonso Celso de Assis (visconde de Ouro Preto). *Advento da ditadura militar no Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2017 (v. 243), p. 156-157. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/539478>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PINTO, Surama Conde Sá. Lobo, Aristides [verbete]. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LOBO,%20Aristides.pdf>>.

RENAN, Ernest. *Vie de Jésus*. Paris: Michel Lévy Frères, 1870.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.